

Desafio de Tebet é aplacar ira do PFL

Avaliação é que qualquer gesto seu em favor do PMDB pode piorar crise no Senado

JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA - O novo presidente do Senado, Ramez Tebet (MS), terá de esquecer que é do PMDB se quiser acabar com o clima de beligerância vivido pelos senadores. A avaliação geral é que se Tebet fizer qualquer gesto de proteção a Jader Barbalho (PMDB-PA) no Conselho de Ética e se der andamento a qualquer projeto que beneficie seu partido nas eleições do ano que vem, acabará por levar o Senado para uma crise ainda mais profunda do que a atual.

Quando na quinta-feira, numa atitude inédita, retirou-se do plenário antes do discurso de posse de Tebet, o PFL o fez não por um simples protesto contra a não-eleição de seu preferido, o senador José Sarney (PMDB-AP), mas também porque seus integrantes sabiam que o vitorioso fora o escolhido do grupo que hoje comanda o PMDB e, na guerra de partidos, joga mais pesado. Tebet chegou à presidência do Senado por interferência direta do líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), do ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, do presidente do PMDB, Michel Temer, e do assessor especial do Planalto, Moreira Franco.

Teme-se, no PFL, que Tebet seja transformado num "laranja" dos quatro.

Para o senador Eduardo Siqueira Campos (TO), vice-líder do PFL, se quiser adquirir credibilidade, Tebet terá de se mostrar isento em relação aos processos por quebra de decoro contra Jader. Terá ainda de "despartidarizar" a presidência do Senado. "Se houver equilíbrio e isenção, pode-se chegar à pacificação da Casa", diz Siqueira, um dos poucos pefeístas que, declaradamente, votaram em Tebet.

O líder do PPS, Paulo Hartung (ES), diz que Tebet terá

de mostrar que é presidente da instituição Senado, e um não senador a serviço do PMDB.

Imobilismo - "O Senado mergulhou no bate-boca de Antonio Carlos Magalhães com Jader, evoluiu para o escândalo da quebra do sigilo do painel eletrônico de votação e parou no caso Jader", lembra. Para tirar o Senado dessa situação, diz Hartung, é preciso fazer com que a instituição se aproxime da sociedade e trabalhe uma agenda de projetos: "Desde o ano passado não temos agenda nem de projetos nem de debates."

O senador José Eduardo Dutra (PT-SE), líder do bloco de oposição, acha que Tebet terá de "mostrar muito jogo de cintura" para pacificar o Senado: "Ele tem habilidades para isso, porque conduziu muito bem a CPI do Judiciário, o Conselho de Ética no caso dos processos contra os ex-senadores Antonio Carlos, José Roberto Arruada e Luiz Estevão." O problema, registra Dutra, é que

por trás de toda a briga do Senado estão ACM a alimentar o ódio no PFL e o PMDB a tentar tirar proveito eleitoral do cargo de presidente da Casa.

Pedro Simon (PMDB-RS), que apoiou outro gaúcho do partido, José Fogaça, na disputa pela presidência do Senado, acha que Tebet tem condição de se superar. "Ele já mostrou que sabe resistir às pressões. E só lembrar sua atuação no Conselho de Ética", afirma. "Não é à toa que ACM tem tanta raiva dele."

Marina Silva (PT-AC) diz que não adiantará para Tebet apenas a missão de pacificar o

Senado. Porque, do jeito que as coisas vão, primeiro é preciso saber se não há problemas com o passado de qualquer senador que ocupa cargo importante. "Ele só terá paz no presente se tiver um passado que não o comprometa", afirma. "Aqui no Senado avalia-se o político pelo que ele não fez. Se fez, não terá condição de fazer nada no presente, porque logo será denunciado."

DUTRA
PEDE 'MUITO
JOGO DE
CINTURA'